

Lição 12 - Testemunhando diante do inimigo (Atos 24.1-26.32 *Atos 24.14-16)

Como lemos no capítulo 21 de Atos, Paulo havia voltado de sua terceira viagem missionária e compartilhava com os irmãos em Jerusalém, relatando-lhes aquilo que Deus havia feito. Era Pentecoste, uma importante festa judaica, e, por isso, judeus de toda parte estavam na cidade. Ao verem Paulo, judeus da Ásia começam um motim que resultou na prisão do apóstolo. O apóstolo estava junto a Trófimo, um gentio efésio, e por isso, aqueles judeus pensaram que Paulo o havia levado para dentro do templo – o que era contra a lei judaica, pois significava profanação do templo. Isso era punível com pena de morte. Preso, descobre-se que Paulo é judeu, fala grego e é cidadão romano. A cada momento crescia entre a liderança judaica a vontade de que Paulo fosse morto. Quando o comandante Cláudio Lísias descobre que uma emboscada estava sendo preparada para matar Paulo, decide enviá-lo a Félix, o governador da província, na cidade de Cesareia, a 95 quilômetros ao norte, na costa do Mar Mediterrâneo.

É nesse contexto que o sumo sacerdote Ananias e outros líderes judeus descem de Jerusalém para lá [1], levando consigo um advogado, Tértulo. A fala do advogado começa com um elogio ao governador Félix, ao qual se seguem três importantes acusações: incitação à rebelião, liderança e propagação de uma religião ilícita [2] e tentativa de

profanação do templo. A ideia era apresentar razões suficientes para que o apóstolo fosse executado. Ao discursar, Paulo refutou todas as acusações, uma a uma. Nenhuma das acusações feitas pelo grupo do sumo sacerdote podia ser provada. Félix já havia governado aquela província romana por seis anos e, portanto, conhecia “os do Caminho” – isto é, os cristãos e sua conduta pacífica, o que depunha contra a ideia de que os cristãos andassem provocando confusão por toda a parte. E além disso, em quanto se defendia, Paulo apresentou o Evangelho em meio ao julgamento, diante do governador. Félix adia a resolução, mantendo Paulo sob custódia. Noutra oportunidade, Paulo falou diretamente de justiça, domínio próprio e juízo vindouro – três áreas em que Félix tinha falhas graves [3]. Ao fazer isso, o apóstolo Paulo arriscou seu pescoço, haja vista o que acontecera a João Batista.

Por dois anos, o corrupto Félix mantém Paulo preso, esperando que pudesse receber alguma propina que compensasse sua indisposição com os judeus. Então, ele é substituído por Pórcio Festo que, segundo a história, teve uma reputação melhor. Assim que chegou, foi a Jerusalém e os judeus que queriam Paulo morto tentaram se aproveitar da desinformação de Festo sobre os cristãos para matar a Paulo, mas o novo governador não se deixou levar. Retomou-se o julgamento de Paulo.

Os líderes judaicos repetiram suas acusações infundadas. Queriam, a todo custo, que Paulo fosse enviado a Jerusalém, onde planejavam matá-lo numa emboscada. Acontece, porém, que todo cidadão romano tinha o direito de apelar a César. Isto não queria dizer que a pessoa seria ouvida pelo próprio imperador, mas seu caso seria julgado pela instância superior em Roma. Fazendo uso desse direito, Paulo pede para ser mandado para lá. Esse “apelo para Roma”, além de ser uma declaração de inocência e uma resposta à sede com que os líderes judeus buscavam matá-lo, é também obediência ao que o Senhor lhe havia anunciado anteriormente [4]. Para Festo, mandar o caso de Paulo para Roma significaria, ao mesmo tempo, eximir-se de julgar contra um inocente e acalmar a liderança judaica.

A seguir, Agripa e Berenice vêm a Cesareia fazer uma visita de cortesia a Festo, para lhe dar as boas vindas [5]. Quando Festo conta a Agripa a situação de Paulo e o que havia ouvido dele, Agripa manifesta o desejo de ouvir o apóstolo. Paulo, por sua vez, em vez de reclamar de sua situação – preso injustamente havia dois anos por acusações infundadas de pessoas que buscavam intensa e

incessantemente matá-lo – prega o Evangelho de Cristo. De forma muito corajosa, Paulo conta sua história. Festo não suporta ouvir, sentenciando que Paulo havia ficado louco de tanto estudar. Agripa, no entanto, segue ouvindo e quase se convence.

Podemos extrair alguns importantes ensinamentos dessa passagem. O primeiro deles é que mesmo as circunstâncias mais adversas podem ser oportunidades de pregarmos o Evangelho de Cristo àqueles que precisam ouvi-lo, portanto não devemos nos deixar abater pelas circunstâncias adversas de perseguição. Mesmo nos momentos mais difíceis, devemos continuar servindo ao Senhor, desejando que todos, inclusive aqueles que nos perseguem sejam alcançados pela graça salvadora de Cristo Jesus. Outra lição é que nem todos suportarão ouvir a mensagem, alguns certamente nos interromperão dizendo: “você está doido!”. Outros ouvirão até o fim e dirão: “você quase me convenceu...” Mesmo assim, o amor de Deus e a constatação da miséria humana devem nos constranger a continuarmos pregando e testemunhando.

[1] Jerusalém fica a 800 m de altitude, já Cesareia é uma cidade costeira.

[2] O judaísmo era uma religião reconhecida pelo Império romano, portanto era uma *religio licita*. O cristianismo, porém, embora sendo sequência do judaísmo que reconheceu em Jesus o Messias esperado, não era reconhecido pelos romanos e, portanto, era ilegal.

[3] Relatos têm apontado o governador Félix como tendo sido corrupto, injusto, adúltero. Tácito chega a afirmar que ele cometeu todo o tipo de crime. (Cf. *Bíblia Brasileira de Estudo*. São Paulo: Hagnos, 2016. p.1554)

[4] Cf. At 23.11.

[5] Herodes Agripa II era filho de Herodes Agripa I, e descendente de Herodes o Grande.